

Fantasma

1. Phantômes : Uma exposição de aparições [1.1]. De percursos entre aparições [1.2]. Aparições que não são nem bem imagens nem bem objetos.

1.1. Aparições, em português, é um outro jeito de falar de fantasmas.

1.2. Aparecer pode ser sinônimo de apresentar-se, fazer-se presente, revelar sua presença.

2. Daria um pequeno tratado tentar abordar até que ponto cada uma das peças é fotografia ou escultura [2.1]. 2.1.

Provavelmente esse tratado teria que começar pensando a diferença entre: i. as artes que nos projetam para outros espaços (algo em torno da ideia de pintura) e ii. as artes que enfatizam sua presença no próprio

espaço que ocupam (algo em torno da ideia de escultura). [2.1.1]

2.1.1. Mas isso não parece o mais importante. Isso – o embaralhamento de gêneros e

linguagens – não é o assunto principal dos percursos entre os trabalhos.

3. Existe uma outra coisa, que são os gatilhos evocativos que cada obra dispara.

Cada uma delas é uma forma e também um enigma. [3.1]

Cada unidade é um duplo: ao mesmo tempo imagem e figura, representação e forma. E as metades desiguais desses duplos denotam sentidos e narrativas contrastantes.

Os olhos se confundem entre profundidade e plano, enquanto a mente se confunde entre ideias ambivalentes compactadas em uma mesma entidade. Por exemplo:

A. Do objeto embalado no interior de uma caixa passamos à caixa que guarda uma impressão fotográfica e daí à caixa/caixão de um corpo indistinto e ao fantasma lembrado das brincadeiras de criança e, então, ao que mais? B. Dos veios do mármore da mão esculpida voltamos às veias do sistema circulatório e então aos canais do interior das árvores e daí ao grafismo impresso que coincide com o que deveria haver dentro da mão fosse ela uma parte do corpo humano e, logo, ao...

C. Do objeto verde de contornos vagos deslizamos ao tecido mole moldado pelo corpo e daí ao corpo que se faz objeto verde e então aos dois corpos que se ligam pela forma (verde) e ao objeto negro e ao corpo negro estendido ao seu lado e por que é que tem que acabar?

Fantômes

1. Fantômes : Une exposition d'apparitions [1.1]. De parcours entre ces apparitions [1.2]. D'apparitions qui ne sont pas exactement des images, ni des objets.

1.1. En portugais, le mot *aparições* (apparitions) est un synonyme de fantômes.

1.2. Apparaître peut être un synonyme de se présenter, se faire présent, dévoiler sa présence.

2. On pourrait écrire un traité pour essayer de définir jusqu'à quel point chacune de ces pièces est une photographie ou une sculpture [2.1].

2.1. Ce traité commencerait probablement par un exposé de la différence entre : i. Les arts qui nous projettent vers d'autres espaces (ce qui a rapport à l'idée de peinture) et ii. Les arts qui affirment leur présence dans l'espace même qu'ils occupent (ce qui a rapport à l'idée de sculpture) [2.1.1].

2.1.1. Mais ce n'est pas cela le plus important. Cela – l'enchevêtrement de genres et de langages – n'est pas le principal sujet des parcours parmi ces œuvres.

3. Une autre chose existe, et ce sont les gâchettes évocatrices déclenchées par chaque œuvre.

Chacune de ces dernières est une forme et aussi un énigme [3.1].

Chaque unité est un double : en même temps image et figure, représentation et forme. Et les moitiés inégales de ces doubles dénotent des sens et des récits contrastants.

Les yeux se confondent entre profondeur et plan, tandis que l'esprit se confond entre les idées ambivalentes compactées dans une seule entité. Par exemple :

A. De l'objet emballé dans une boîte on passe à la boîte elle-même, qui garde une impression photographique, et de là à la boîte/cercueil d'un corps indistinct et au fantôme dont on se souvient lors de nos jeux d'enfants et, ensuite, à quoi ?

B. Des veines du marbre de la main sculptée on se tourne vers les veines du système circulatoire et de là aux canaux à l'intérieur des arbres et ensuite au graphisme imprimé qui coïncide avec ce qu'il devrait y avoir dans la main si elle faisait partie d'un corps humain, et puis à...

C. De l'objet vert aux linéaments flous on glisse vers le tissu fondu moulé par le corps et de là au corps qui devient objet vert et ensuite

3.1. Enigma aqui poderia ser substituído por charada, mistério, cena ou esquete.

4. As ambivalências das aparições provocam um ping-pong sensorial e cognitivo. < Pode ser um pouco engraçado > < Pode ser um tanto intrigante >

5. É, com certeza, um ponto de partida. O início de percursos imaginativos. O começo de uma história. [5.1]

5.1. Cada obra nesta exposição contém narrativas, ainda que em estado embrionário. No intervalo entre o que cada objeto parece ser à primeira vista e suas múltiplas percepções subsequentes reside certo atrito que não é estritamente fenomenológico. É ali, nesse intervalo entre suas aparições possíveis, que os objetos começam a contar algo. Algo muito aberto. Só o princípio de uma história sem desenvolvimento. Como a primeira frase de um livro inescrito, sobre o qual o espectador pode apenas especular. [5.1.1]

5.1.1 Especular, em português, deriva de espelho, reflexo, rebatimento – logo, na frase, o público/leitor pode vislumbrar os contornos de uma história por espelhamento do que vê diante de si. [5.1.1.1]

[5.1.1.1] Se os objetos são como frases iniciais de romances, contos ou poemas, então as elaborações imaginadas pelo público/leitor, são como notas de rodapé.

6. Um bom texto não começa com qualquer frase, pois é ali que se começa a ganhar ou perder um leitor. Para *Phantômes*, exposição de Beatriz Toledo, Éléonore False e Timothée Dufresne, decidi escrever um percurso não linear entre aparecimentos literários: frases inaugurais de romances, contos e poemas da literatura latino-americana. É uma maneira arbitrária de criar percursos entre fragmentos narrativos, assim como faz a exposição.

Paulo Miyada

Outubro 2014

aux deux corps liés par la forme (verte) et à l'objet noir et au corps noir étendu à ses côtés, et pourquoi est-ce qu'il faut que ça finisse ?

3.1. Énigme pourrait être ici remplacé par devinette, mystère, scène ou sketch.

4. Les ambivalences des apparitions provoquent un ping-pong sensoriel et cognitif. < Ça peut être un peu drôle > < Ça peut être un peu intrigant >

5. Il s'agit, assurément, d'un point de départ. Le début des chemins imaginés. Le commencement d'une histoire. [5.1]

5.1. Chaque œuvre de cette exposition contient des récits, même si en état embryonnaire. Dans l'intervalle entre ce que chaque objet semble être au premier abord et ses multiples perceptions ultérieures réside une sorte de frottement qui n'est pas strictement phénoménologique. C'est là, dans cet intervalle entre leurs apparitions possibles, que les objets commencent à raconter quelque chose. Quelque chose de très ouvert. Juste le principe d'une histoire sans développement. Tel que la première phrase d'un livre non-écrit, sur lequel le spectateur ne peut que spéculer. [5.1.1].

5.1.1 Spéculer, en portugais Especular, vient de *espelho* (miroir), reflet, réverbération – ainsi, dans la phrase, le public/lecteur peut entrevoir les linéaments d'une histoire par le miroitement de ce qu'il voit devant ses yeux [5.1.1.1].

[5.1.1.1] Si les objets sont comme les phrases initiales d'un roman, d'un conte ou d'un poème, les élaborations imaginées par le public/lecteur sont comme des notes de pied de page.

6. Un bon texte ne peut pas débiter par n'importe quelle phrase, puisque c'est par là que l'on commence à conquérir ou à perdre un lecteur. Pour *Fantômes*, exposition de Beatriz Toledo, Éléonore False et Timothée Dufresne, j'ai voulu décrire un parcours non-linéaire parmi des apparitions littéraires : la première phrase de quelques romans, contes et poèmes de la littérature de l'Amérique Latine. Il s'agit d'une manière arbitraire de créer des parcours entre des extraits narratifs, comme le fait l'exposition elle-même.

Paulo Miyada

Octobre 2014